

A CASA É PARA AS RAPARIGAS, OS RAPAZES SÃO PARA TRABALHAR FORA!

A diferenciação sexual do trabalho das crianças camponesas e a construção da identidade de rapazes e raparigas

Graça Alves Pinto*

O presente texto baseia-se numa investigação sobre o trabalho infantil em meio rural. Identificando as linhas que orientam a participação das crianças em actividades agrícolas e domésticas, este texto aborda a questão da diferenciação sexual das tarefas e responsabilidades no contexto da família-exploração camponesa. Prossegue reflectindo sobre a relação entre os trabalhos que são, ideológica e objectivamente, atribuídos a rapazes e raparigas e a maneira como uns e outras organizam a sua identidade

1. Introdução

Contribuir para o conhecimento da natureza, grau e intensidade do trabalho de crianças e adolescentes no contexto da agricultura camponesa, constituiu o objectivo central da investigação que está na base do presente texto¹

A recolha de informação primária decorreu em cinco aldeias

* Docente na Escola Secundária de Camilo Castelo Branco em Vila Real

¹ Investigação que decorreu no âmbito de tese de mestrado em Extensão e Desenvolvimento Rural apresentada à Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

do concelho de Vila Real, tendo sido, numa segunda fase, seleccionada uma amostra constituída por trinta e cinco crianças com idades compreendidas entre os seis e os catorze anos. Nesta amostra incluem-se filhos de lavradores cuja actividade está centrada na exploração agro-pecuária tradicional, filhos dos agricultores que têm vindo a orientar as explorações para a produção intensiva de leite e filhos das famílias pluriactivas, tanto daquelas que mantêm a agricultura como actividade complementar, como das que fazem dela uma actividade apenas residual².

A importância que as crianças detêm dentro das estratégias laborais das unidades familiares constata-se facilmente através da informação recolhida pela observação directa, pelas entrevistas às crianças e aos pais e pelos registos de orçamento-tempo³. Do cruzamento dos dados obtidos pelos diferentes processos resulta óbvia a conclusão de que a participação das crianças é, por norma, muito intensa. Intensidade que se traduz tanto no que diz respeito ao tipo de tarefas que lhes são distribuídas, como no que se refere ao tempo que gastam na sua execução.

A participação laboral infantil abrange um leque variado de

² A recolha e a estruturação dos dados tiveram como suporte fundamental uma tipologia espontânea dos sistemas família-exploração presentes na área onde decorreu o estudo. Criaram-se quatro tipos, que, resumidamente, se caracterizam da seguinte forma:

- 1 – A agricultura é a principal fonte de rendimento e emprego. Sistema produtivo orientado para a produção intensiva de leite e índices de mecanização relativamente elevados (explorações subsidiadas pelos apoios comunitários);
- 2 – A agricultura é a actividade principal, mas existem outros rendimentos (pensões e reformas, receitas de emigrantes, etc.), para além de um recurso esporádico ao trabalho assalariado. Sistema produtivo orientado para a agro-pecuária tradicional;
- 3 – A agricultura é complementar doutra actividade. Produção para auto-consumo e para o mercado, integrando o sector pecuário;
- 4 – A agricultura é residual em relação a outra actividade. Produção limitada ao autoconsumo, não integrando o sector pecuário.
(ver G. A. Pinto, 1998: 18-22)

³ Os registos de orçamento-tempo, especificando não só as tarefas realizadas ao longo de um dia, mas também a duração de cada tarefa, foram elaborados pelas próprias crianças, embora tenham sido controlados por nós (ver G. A. Pinto, 1998: 13-16).

tarefas, acções e responsabilidades, cobrindo todos os trabalhos da unidade produtiva familiar e inscrevendo-se em linhas de substituição e/ou complementaridade do trabalho dos mais velhos. Regra geral, quanto mais estreitamente as famílias dependem da actividade agro-pecuária mais necessitam do trabalho dos filhos. Aqui incluem-se tanto as famílias que têm realizado maiores investimentos, e que portanto apresentam explorações mais modernizadas, como as que mantêm processos produtivos tradicionais. Porém, o trabalho das crianças reveste-se de características específicas em cada um dos casos: enquanto no primeiro aparecem, com frequência, a laborar com máquinas, no segundo desempenham essencialmente trabalho braçal. Nas situações em que a mão-de-obra adulta masculina é desviada para actividades não agrícolas, a manutenção da agricultura com estatuto complementar obriga a uma reorganização da força laboral interna, sendo, também nesses casos, muito elevado o grau em que se recorre ao trabalho dos filhos. Só as crianças das famílias que fazem da agricultura uma actividade meramente residual conseguem levar uma vida mais desafogada de obrigações laborais.

As crianças são integradas na equipa de trabalho familiar principalmente por a sua ajuda ser necessária ao normal funcionamento das explorações, mas esta integração representa, simultaneamente, um importante elemento da sua aprendizagem social. A coincidência entre as relações de parentesco e as relações de trabalho, intrínseca à agricultura camponesa, não pode deixar de fazer, de facto, com que a educação das crianças seja inseparável do seu envolvimento nas tarefas do grupo doméstico (A Scott, 1982: 543). O trabalho constitui, assim, o mais significativo meio de socialização das crianças de condição camponesa (R. Iturra, 1990; F. Reis, 1991; A. F. Moreira, 1991).

Indo de encontro ao tema deste texto, devemos sublinhar que nas práticas familiares tendentes à socialização das crianças camponesas para o trabalho está amplamente compreendida a inculcação dos valores e dos pressupostos que informam a divisão

sexual de tarefas e responsabilidades (N. Porto, 1991: 56-59; M. Ribeiro, 1992: 332-333).

2. Distribuição de tarefas e responsabilidades a rapazes e a raparigas

De um modo geral, as crianças iniciam-se no trabalho através das tarefas mais simples e mais fáceis, indo o peso e o volume dos encargos laborais aumentando à medida que a idade avança. As primeiras ajudas, tanto dos rapazes com das raparigas, realizam-se essencialmente na área das tarefas domésticas. Porém, ainda muito jovens, por volta dos dez/onze anos, começam a encaixar-se nos modelos de diferenciação sexual das tarefas vigente entre os adultos: o domínio doméstico torna-se exclusivo das raparigas, enquanto a participação masculina se vai circunscrevendo à esfera agrária.

As tarefas relacionadas com a manutenção da casa, como limpar, lavar, arrumar, entre outras, excluídas dos padrões laborais dos rapazes, contam-se, quase sempre, entre as que compõem as agendas laborais das crianças do sexo feminino, que nelas colaboram em estreita solidariedade com as mães e, quando existem, com as irmãs mais velhas. Ressalta dos orçamentos-tempo das raparigas o carácter repetitivo e rotineiro dessas tarefas, num ritmo que praticamente se decalca, dia após dia.

- As raparigas têm muitas coisas para fazer: arrumar a casa, fazer a comida, lavar a roupa e é todos os dias! Eu todos os dias estou na fonte a lavar. (rapariga de 12 anos)

Ajudar na cozinha também faz parte da lista de incumbências distribuídas às raparigas, mas são excepcionais os casos em que elas se responsabilizam pela realização integral das refeições. Dados os níveis de destreza física, concentração e juízos de valor

necessários na realização dessa tarefa, só mais tarde a assumem por inteiro

No vasto conjunto de funções que consomem o tempo e a energia das raparigas inclui-se, com frequência, a responsabilidade de tomar conta dos irmãos mais novos, função em que só raramente aparecem rapazes. Quando existem na unidade familiar doentes e/ou idosos que carecem de apoio e auxílio permanentes, as raparigas são também muito prestáveis, muito à frente dos rapazes.

Na área dos trabalhos considerados agrários, crianças de ambos os sexos colaboram muitas vezes lado a lado. Podemos mesmo falar de uma vasta área de indiferenciação neste sector, pois muitas das tarefas são efectuadas indistintamente por rapazes e por raparigas. Tal como as mães, as raparigas vão suprimindo a falta de mão-de-obra adulta masculina nas actividades agrárias, ajudando nas culturas, no maneio do gado e na recolha da lenha e do mato. Por vezes, preenchem o lugar da mãe nas *voltas de casa*, para que esta possa dedicar-se mais eficazmente ao controlo e à gestão da exploração.

- A minha mãe vai connosco para o campo e para o monte, o resto fica por conta da minha irmã (rapaz de 14 anos)

- Na época de maior aperto, muitas vezes é preciso que fique a minha filha [14 anos] a fazer o comer, para eu poder andar todo o dia no campo (mulher de 43 anos)

A amplitude das tarefas agrárias entregues às raparigas tem muito a ver com os recursos materiais das respectivas unidades familiares: as das famílias mais pobres começam mais cedo a participar e participam mais nas tarefas agrícolas, ao contrário, as que fazem parte das famílias mais abastadas colaboram essencialmente nas actividades domésticas. Tal divergência resulta, em parte, do facto de haver mais tarefas a realizar dentro de casa à

medida que aumenta o nível de riqueza. Por outro lado, as famílias mais modestas, porque apresentam maior dependência da actividade agrícola e menor índice de mecanização, necessitam de mais mão-de-obra no campo

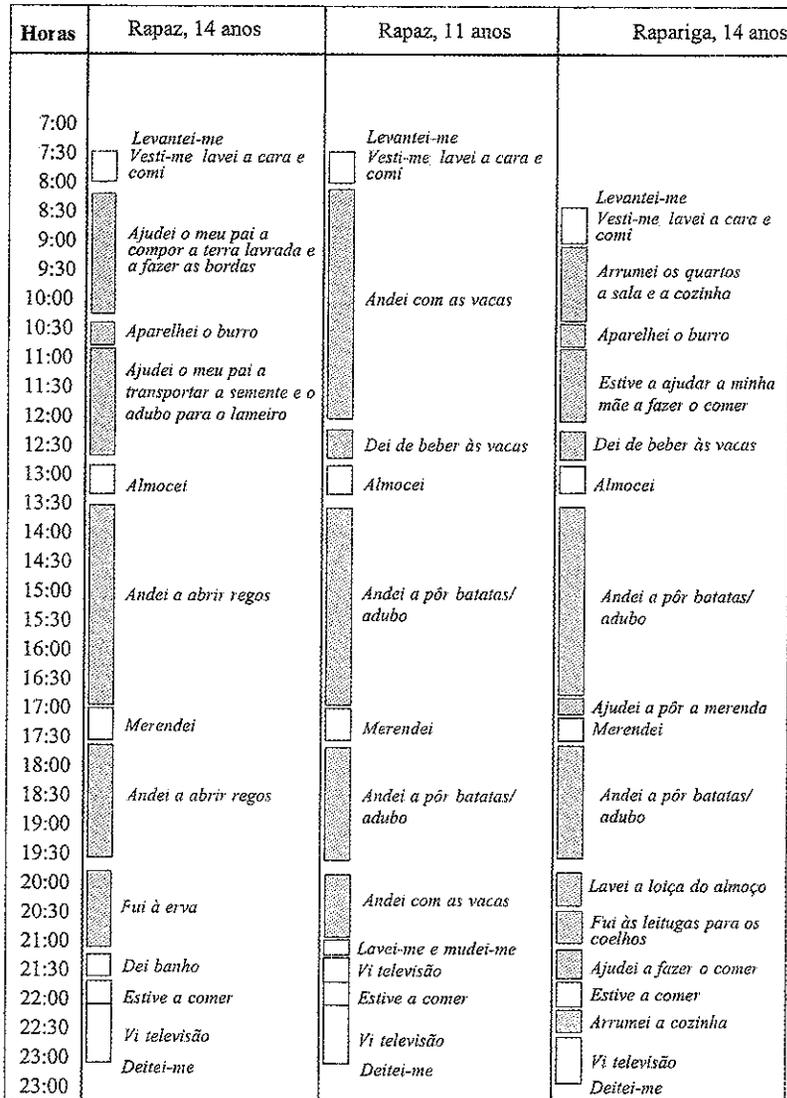
O trabalho das crianças torna-se particularmente importante para o funcionamento da exploração durante o período da época alta do ciclo agrícola, período que no local estudado decorre sensivelmente entre Abril/Maio e Outubro. Com as culturas a exigirem rápidas e diversificadas intervenções, todos os recursos laborais presentes na unidade familiar têm de ser intensamente aproveitados. Raparigas e rapazes passam, assim, muito do tempo que a escola lhes deixa livre a ajudar nos trabalhos agrários, complementando os adultos nas tarefas que implicam maiores contingentes de mão-de-obra ou substituindo-os naquelas que podem realizar sozinhos, como, por exemplo, no pastoreio do gado

- Em certos trabalhos são precisas muitas mãos, por isso têm de vir todos para o campo, só pode ficar em casa quem não puder mesmo trabalhar (mulher de 47 anos)

- Quando há muito que fazer, o mais velho [14 anos] mal chega da escola vai ter connosco ao campo e o mais pequeno [11 anos] já sabe que tem de ir com o gado, nem é preciso mandá-lo (mulher de 51 anos)

A figura nº 1, representando dados retirados dos registos de orçamento-tempo realizados pelas crianças e dos nossos próprios registos de observação directa, traduz a ocupação de três irmãos, dois rapazes e uma rapariga, num sábado de Maio, o dia em que a unidade familiar, contando com a ajuda dos familiares e dos vizinhos mais chegados, realiza a *semeia* das batatas. Esta é uma daquelas operações que continua a envolver muita mão-de-obra, mesmo nas explorações mais mecanizadas, porque a maioria das tarefas sai do alcance das máquinas

Fig 1 – Descrição das actividades realizadas por três irmãos no dia da sementeira das batatas – um sábado do mês de Maio



■ Actividades de trabalho □ Outras actividades

Como a figura deixa rapidamente perceber, a componente laboral tem um peso fortíssimo no dia de todas as crianças. As tarefas agrárias assumem um domínio quase absoluto na composição dos horários de trabalho dos rapazes. Em contrapartida, no esquema laboral da rapariga ressalta a interpolação de funções e de espaços, traduzida em permanentes passagens de uma tarefa para outra, das mais estritamente domésticas para as mais próximas do domínio agrícola. No campo, rapazes e raparigas têm ocupações diferentes: enquanto a rapariga, ajudando as mulheres, se encarrega de colocar a semente e o adubo nos regos, o seu irmão gémeo, ao lado dos homens adultos, abre os regos com a enxada. A divisão sexual das tarefas apresenta, assim, contornos também muito visíveis no interior de alguns trabalhos agrários. Não obstante, o rapaz mais novo acompanha os elementos femininos, dando expressão ao facto de se entrecruzarem aspectos relacionados com a idade e a maturidade física e psicológica das crianças na diferenciação sexual do trabalho.

Com o terminar da época alta, as prestações laborais das crianças diminuem significativamente, à semelhança do que se passa com os adultos. Mesmo assim, raparigas e rapazes, sobretudo os que integram explorações com gado, continuam a manter agendas bastante preenchidas. Para além de se manterem os labores relacionados com o maneio do gado, destacam-se com acentuada regularidade nas componentes laborais do período de Inverno as idas ao monte para fazer as recolhas da lenha e do mato. Embora sejam essencialmente os rapazes que colaboram com os adultos nas operações de pendor mais violento, roçar os *toijos* e as *carqueija*⁴ e derrubar as árvores, as raparigas também vão para o monte para ajudar nas operações de juntar e carregar,

⁴ Roçar parece ter sido uma tarefa comum para as anteriores gerações de raparigas, como pudemos comprovar através dos testemunhos das que hoje são mães e avós (ver G. A. Pinto, 1998: 80-82). O quase desaparecimento das raparigas destas operações fica a dever-se, por um lado, ao facto da criação de gado em moldes tradicionais ter actualmente muito menor expressão do que no passado e, por outro, à introdução das roçadeiras mecânicas.

operações em que se lhes associam os rapazes mais novos. Por continuarem a mobilizar muita mão-de-obra, estas tarefas preenchem, por sistema, os horários laborais dos sábados, o dia em que os adultos que trabalham fora estão em casa e em que as crianças também estão mais disponíveis, porque não têm aulas.

Os esquemas ocupacionais dos sábados de Inverno dos rapazes e das raparigas são de tal forma repetitivos que permitem mesmo resumi-los num padrão típico, como se representa nas figuras nº 2 e nº 3. Ainda que existam diferenças nos conteúdos laborais de uns e de outras, o que salta à vista da comparação dos dois esquemas é a muito aproximada similitude dos tempos de trabalho. Para além do trabalho do monte, nos conteúdos laborais dos sábados das raparigas têm também presença atrainhada as tarefas inerentes à lida caseira, nomeadamente uma arrumação dos compartimentos da casa mais zelosa e mais profunda do que nos restantes dias da semana. À recolha do mato e/ou da lenha, os rapazes somam essencialmente actividades pecuárias

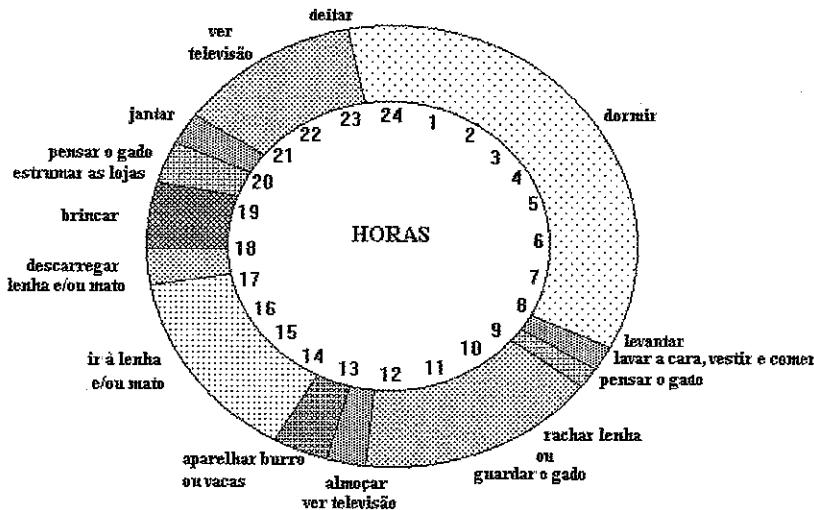


Fig nº 2 – Padrão ocupacional típico dos sábados de Inverno, relativo aos rapazes integrados nos sistemas família-exploração tradicionais

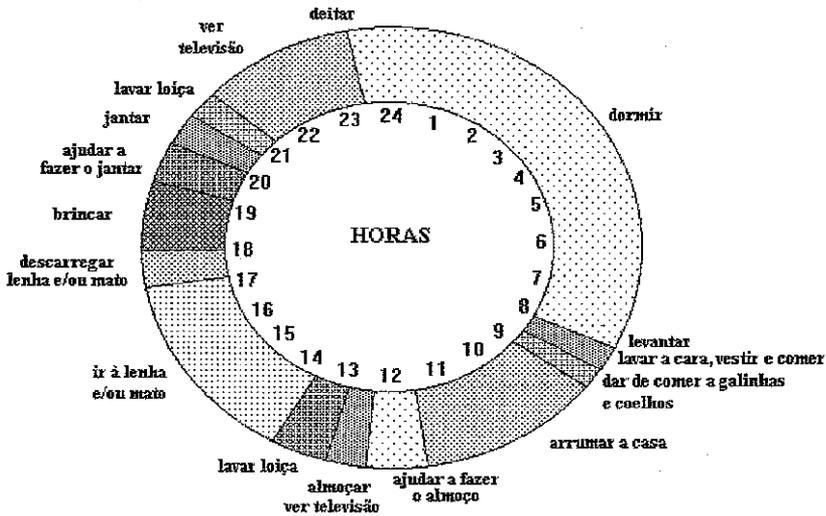


Fig nº 3 – Padrão ocupacional típico dos sábados de Inverno, relativo às raparigas integradas nos sistemas família-exploração tradicionais

Destes esquemas excluem-se as raparigas e os rapazes integrados nos sistemas mais modernizados, porque os meios de que dispõem estas explorações permitem recolher a lenha necessária indo ao monte apenas duas ou três vezes por ano. A recolha do mato quase não se faz, por motivos que têm a ver com as condições de estabulação do gado

Outro aspecto que tem reforçado a diferenciação sexual do trabalho prende-se com a crescente mecanização das tarefas agrícolas. Esta relação tem, aliás, sido observada em diversos estudos (Barthez, 1982; Rodrigo, 1986; Ribeiro, 1992), nos quais se conclui que os trabalhos agrícolas mecanizados são, por norma, efectuados por força de trabalho masculina

Contrariamente ao que acontece com as raparigas que são inibidas de manusear as máquinas agrícolas, porque, supostamente, não reúnem as aptidões e as capacidades necessárias para trabalhar com elas, os rapazes são, desde muito novos, aberta e expli-

citamente incentivados pelos pais a experimentar o seu funcionamento. De facto, no decurso do trabalho de campo que realizámos, não foi raro encontrar rapazes ainda jovens a trabalhar com as máquinas, nomeadamente com o tractor e as alfaias correspondentes, situação em que nunca nos foi dado ver raparigas

- *Só em último caso é que eu punha o tractor nas mãos das raparigas, elas não se ajeitam. O rapaz, sim, esse faz do tractor o que quer. Ensinei-o ainda ele era pequeno. Com 9/10 anos já lavrava, já fresava, já andava com o atrelado carregado. (homem de 54 anos)*
- *O meu filho afez-se muito fácil à roçadeira. Aprendeu comigo a dar-lhe o jeito e já roça tão bem ou melhor do que eu. A rapariga quero-a longe das máquinas. Deus me livre de lhe mandar pegar nelas! (homem, 56 anos)*

À medida que as explorações se vão mecanizando, assiste-se, assim, a uma diminuição da colaboração feminina na esfera agrícola. Esta colaboração tem vindo não só a tornar-se mais reduzida, mas também mais circunscrita às tarefas que se continuam a realizar manualmente. Acentua-se, deste modo, por via da mecanização, a diferenciação sexual nas tarefas agrárias: os elementos do sexo masculino operam com as máquinas, restando aos do sexo oposto os trabalhos onde predomina a componente manual.

2.1. Reprodução do modelo dominante da diferenciação sexual das tarefas e responsabilidades

Do que atrás deixámos dito apreende-se de imediato que a diferenciação sexual de tarefas e responsabilidades detém um papel muito activo nas práticas familiares tendentes à socialização das crianças para o trabalho. Porém, as crianças de ambos os sexos desempenham tarefas idênticas enquanto têm idades relati-

vamente precoces. Mesmo a partir da altura em que rapazes e raparigas se começam a encaixar nas representações dominantes da divisão sexual do trabalho, a segregação das tarefas não é completamente rígida, existindo uma certa indiferenciação relativamente ao trabalho agrário. No que se refere ao trabalho do campo, tal como muito explicitamente afirma K. Wall a propósito da família camponesa minhota, *todos «devem tudo fazer, tudo aprender independentemente do sexo»* (1988: 482). Já no que diz respeito ao trabalho doméstico, significativamente designado no local por *voltas de casa*, a maleabilidade vai-se fazendo estreita à medida que rapazes e raparigas se aproximam dos papéis adultos: os primeiros vão deixando de prestar colaboração nessa área, o que contrasta com a intensificação das ajudas por parte das últimas. Os rapazes tendem, assim, a ocupar-se dos *trabalhos de homem*, dos trabalhos de que o pai se ocupa na exploração, enquanto as raparigas se aplicam nos *trabalhos de mulher*, nas lides caseiras, para além de colaborarem nas tarefas agrícolas, sempre que for preciso, à semelhança das mães

– *O meu homem nunca buliu uma palha em casa, nem eu quero!
É claro que não vou ensinar os rapazes a fazer as voltas de casa, lá se não tivesse raparigas! As raparigas sim, precisam de saber fazer tudo, agora os rapazes só fazem isso em última necessidade. Eles têm mais jeito para a lavoura (mulher de 51 anos)*

A aprendizagem dos procedimentos e dos modos de agir inerentes à participação laboral infantil faz-se, assim, de forma estreitamente articulada com a interiorização de todo um conjunto de valores e pressupostos ligados aos papéis masculino e feminino. São estes pressupostos, que atribuem às raparigas a realização das tarefas domésticas, que as encerram em casa e que as fixam numa posição dependente e subordinada, que os rapazes reproduzem nas afirmações que se seguem:

- *As mulheres é que têm jeito para os trabalhos da casa, os homens estão mais habituados aos trabalhos pesados (rapaz de 13 anos)*
- *A casa é para as raparigas, os rapazes são para trabalhar fora! (rapaz de 13 anos)*
- *Se os homens ficarem a fazer as coisas de casa, quem é que vai ganhar o dinheiro?! (rapaz de 11 anos)*

De um modo geral, as raparigas também reflectem a ideologia dos padrões estabelecidos, tendendo a associar os rapazes aos domínios produtivo, exterior e público

- *Os rapazes não são para ajudar em casa, são para trabalhar fora (rapariga de 12 anos)*
- *Acho bem que os rapazes não façam trabalhos em casa. Eles têm de ir ganhar o dinheiro (rapariga de 13 anos).*

O esquema ideológico em que se baseia a divisão sexual do trabalho molda fortemente a percepção que tanto rapazes como raparigas têm deles próprios e dos elementos do outro sexo. Uns e outras incorporam o modelo tradicional, interpretando-o, de forma amplamente coincidente, como sendo algo espontâneo, óbvio e natural. A definição social da divisão das tarefas aparece, assim, profusamente arraigada em pressupostos e ideologias que a relacionam com as diferenças de natureza fisiológica entre os indivíduos dos dois sexos. É por essa via que certas qualidades e aptidões socialmente inculcadas durante os anos de infância e adolescência são percebidas como inatas e naturais, como se de uma *segunda natureza* se tratasse (Berlan, 1989: 64)

Contudo, a diferenciação sexual das tarefas resguarda também uma dimensão instrumental, estando muito condicionada pelas características demográficas específicas de cada família, nomea-

damente pelo número e idades de rapazes e raparigas existentes no agregado familiar. Note-se, a propósito, que é comum, nas famílias onde não existem raparigas, os rapazes, mesmo quando já andam na casa dos catorze anos, executarem tarefas da esfera doméstica

Numa família de vários irmãos, todos rapazes, são os mais novos, um com catorze e outro com onze anos, que diariamente arrumam e varrem a casa. Todavia, quando perguntámos ao mais crescido se, quando fosse adulto, continuaria a realizar essas tarefas, retorquiu num ápice: *Credo! Era só o que faltava! Quando for grande vou ter uma mulher para fazer essas coisas. Os filhos que tiver que a ajudem Não vou mandá-la para o campo, mas eu em casa também não vou fazer nada É vergonha os homens fazerem trabalhos de mulher! [.] Agora ainda sou pequeno, quando for grande nem pensar em fazer essas coisas.*

Tais argumentos deixam a descoberto dois pontos extremamente importantes. Primeiro, confirmam o facto de prevalecerem aspectos relacionados com a idade e a maturidade na definição de *ser homem*. Nesta ordem de ideias, participar nas tarefas da casa constitui um comportamento admissível nos rapazes mais novos que se torna de difícil aceitação à medida que os mesmos se vão tornando homens, isto é, à medida que se vai tornando maior a pressão ideológica que informa a divisão sexual do trabalho. Segundo, clarificam a circunstância de que a diferenciação sexual do trabalho ocorre de forma articulada e em íntima relação com a estrutura hierárquica, do poder e da autoridade, que transpõe a unidade familiar.

O exemplo que se segue é também bem revelador daquilo que acabamos de afirmar. Noutra família igualmente numerosa, onde só existe uma rapariga, disse-nos um dos rapazes, com catorze anos, que, frequentemente, ajudava a irmã a varrer a cozinha e a limpar a loiça. Indagado sobre se os irmãos mais velhos, um com vinte e três e outro com vinte e seis anos, tam-

bém colaboravam nas tarefas da casa, respondeu-nos que não *Eles não ajudam porque eles já mandam*, disse-nos. Dificilmente encontraríamos advertência mais cristalina para ilustrar a imagem que procurávamos. Com efeito, a divisão sexual do trabalho coincide e combina-se com a divisão sexual do poder, o que, por outro lado, repercute e reflecte uma desnivelada relevância sócio-económica do trabalho doméstico, face ao trabalho agrícola.

Mais adiante, o mesmo rapaz acabaria por nos explicar cabalmente como se organiza a hierarquia familiar: *Quem manda mais é o meu pai, porque é pai. A minha mãe manda menos, porque é mulher. O meu irmão manda mais do que eu, porque é mais velho. Eu mando mais do que a minha irmã [gémea], porque trabalho mais do que ela e assim tenho direito a mandar mais.* A hierarquia, a capacidade de mandar, devem, então, ser observadas sobre três prismas: ser do sexo masculino, ser mais velho, trabalhar mais. Sendo que trabalhar mais, significa, na sociedade local, quase sempre, realizar trabalhos da esfera agrícola, fora da casa, domínio por excelência dos homens.

3. A construção da identidade pessoal através do trabalho

A desigual valorização sócio-económica dos trabalhos que são, simbólica e objectivamente, atribuídos a rapazes e raparigas, traduz-se, de forma inquestionável, na maneira como uns e outras organizam a sua identidade.

3.1. A construção da identidade masculina

A identidade dos rapazes constrói-se em estreita sintonia com a reprodução dos comportamentos e práticas dos homens adultos. Convergem para delinear essa identidade não só a identifica-

ção com os trabalhos que habitualmente os homens desempenham, mas também a rejeição das actividades que as representações dominantes atribuem aos indivíduos do sexo feminino. A identidade e o estatuto masculinos edificam-se, assim, pouco a pouco, dentro do grupo dos homens, participando nos trabalhos que lhes são *próprios*

- Não gosto nada de apanhar batatas. Isso é trabalho das raparigas. Antes quero andar ao pé dos grandes com os ganchos a arrancar. O meu pai já me prometeu que este ano me vai deixar andar ao pé dele com os ganchos (rapaz de 13 anos)

As inúmeras situações que directamente observámos permitiram-nos verificar que, a partir dos doze/treze anos de idade, os rapazes se vêem envolvidos numa ampla variedade de trabalhos agrários que exigem, frequentemente, ritmos violentos. Trabalhos que requerem grande resistência física, estando, por isso, simbolicamente revestidos de qualidades próprias dos homens. Dos conteúdos valorativos presentes nos muitos depoimentos que também registámos, ressalta o facto dos rapazes experimentarem uma elevação da sua auto-estima ao realizarem esses trabalhos – trabalhos que implicam força, e até certo ponto, sacrifício e perigo.

- Gosto de tirar estrume das lojas. O meu irmão mais velho atira o estrume para cima do tractor e eu carrego-o, espalho o estrume, faço-lhe as esquinas, ponho-o a nível. Fico estoirado, mas gosto dum tractor bem carregado! (rapaz de 12 anos)

- O que eu mais gosto é de ir à lenha com a moto-serra. É um trabalho cansativo, mas serro ali os pinheiros tão bem ou melhor do que o meu pai! (rapaz de 13 anos)

- Gosto de rachar lenha com o machado, sinto que tenho força e gosto de sentir isso! (rapaz de 14 anos)

Embora contextualizados pela configuração específica da cultura rural, os jovens que estudámos partilham de sentimentos muito idênticos aos dos jovens rapazes da classe operária observados por P. Willis, para os quais participar num trabalho duro representa «*um exercício heróico de viril confronto com a tarefa*» (1993: 150).

Trabalhar no duro, como um homem, não está ao alcance de todos, e, supostamente, não estará ao alcance das raparigas, convertendo-se, deste modo, num elemento fundamental para a afirmação social dos rapazes. A intensa participação nas actividades produtivas aparece, assim, impregnada de valores que cristalizam a autoridade e o poder, traduz-se numa espécie de solidariedade masculina, significa possuir meios para dominar e controlar as dificuldades, exprime uma assaz superioridade social em relação ao sexo oposto.

A auto-confiança nas capacidades de trabalho aliada à ânsia de dispor do seu próprio dinheiro, condição socialmente necessária para aceder ao estatuto de adulto, levam alguns rapazes, com treze/catorze anos apenas, a integrar a força dos assalariados rurais. Experiência que acaba por funcionar, para muitos deles, como um *trampolim* antes de passarem para outras actividades, nomeadamente para a construção civil.

Ganhar dinheiro, e poder decidir como gastar algum dele, faz parte dos códigos da masculinidade e de todo o processo de afirmação social dos rapazes, situação que os encaminha precocemente para o mercado de trabalho e nalguns casos os afasta definitivamente da escola. De facto, o *emprego* precoce tem uma influência significativa nos números da desistência e do abandono escolares, números muito elevados no local onde decorreu o nosso estudo. Bem sucedidos no trabalho, os rapazes tendem a desvalorizar as aprendizagens escolares, alguns chegam mesmo a dizer que os *estudos fazem pouca falta aos que se desenrascam bem a trabalhar* (rapaz de 14 anos).

Como vimos, a identidade e o estatuto dos rapazes organizam-se em estreita relação com o trabalho, as atitudes e o com-

portamento do pai. Ora, no contexto em análise, os pais, os homens, estão sistematicamente arredados do mundo da escola. Quem tem a responsabilidade de mandar os filhos estudar são as mães, quem estabelece os raros contactos com a escola são as mães, quem ensina na escola são, por norma, mulheres. A escolaridade insinua-se, assim, muito associada ao espaço feminino, o que parece imprimir-lhe uma certa depreciação enquanto meio de afirmação da identidade masculina.

3.2. A construção da identidade feminina

As configurações sociais prevaletentes em torno da divisão sexual do trabalho reservam aos rapazes as actividades mais directamente produtivas, as que envolvem maior força física, o que faz com o trabalho deles seja mais facilmente percebido, em contrapartida, destinam aos elementos femininos as actividades menos valorizadas, complementares ou subsidiárias dos trabalhos masculinos.

Quando perguntámos às raparigas quais os afazeres que mais gostavam de realizar, não admira que muitas tenham afirmado preferir os trabalhos do campo em detrimento dos cuidados domésticos, por acharem a realização daqueles mais compensadora, por lhes trazer maior importância social. Na opinião da esmagadora maioria, o trabalho da casa tem pouca visibilidade, para além de ser monótono e repetitivo, o mesmo é dizer: *não se vê e nunca se acaba* (rapariga de 13 anos).

Todavia, ao afirmarem a sua identidade e o seu estatuto em íntima relação com os papéis desempenhados pela mãe, as raparigas acabam por perfilhar as funções domésticas e a lida da casa. Esta identificação é, por outro lado, percebida e representada como uma preparação para as funções de dona de casa e de mãe que as prescrições sociais definem como sendo prioritárias na vida das mulheres.

- Elas têm que se habituar a fazer todos os trabalhos que competem às mulheres. De hoje para amanhã casam-se, e depois quem é que lhes vai fazer as voltas de casa?! (mulher de 45 anos)

A maior parte das raparigas situa a identificação com o trabalho doméstico no contexto das obrigações e dos deveres familiares. Por esse sentido do dever, por esse espírito de entreatajuda remetem para o plano da colaboração e da solidariedade para com as mães, e eventualmente para com outras mulheres presentes na unidade familiar, o seu compromisso com as *voltas de casa*.

- Ultimamente, não tenho ido para as vessadas⁵, fico em casa a fazer a merenda para as pessoas que andam a trabalhar. Eu antes queria ir para o campo, porque em casa tenho de fazer tudo sozinha, mas a minha mãe pede-me para eu ficar em casa. Faço bolos de bacalhau, frito costeletas, outras vezes faço bola de carne, é como calba. Eu também sou mulher, tenho de me desenrascar nas voltas de casa e ajudar a minha mãe, porque ela não pode fazer tudo (rapariga de 13 anos)

- A minha filha [com 11 anos] trata da casa tão bem como eu. Se não fosse ela, estava sempre tudo fora do sítio. Eu não posso cbegar a todo o lado, ela bem sabe que tem de me ajudar (mulher de 46 anos)

No essencial, o trabalho doméstico destina-se a repor as coisas como elas estavam antes de serem usadas, sendo, por isso, entendido como um trabalho não produtivo. A execução deste trabalho contém uma certa dimensão de inferioridade, facto que, como afirma M. Berlan, em relação ao meio rural francês, *«imprime à aprendizagem da rapariga uma marca de desconsideração social»* (1989: 59).

Em parte para compensar este desfavorecimento relativamente aos rapazes, as raparigas tendem a identificar-se mais com

⁵ Sementeirias

as aprendizagens escolares do que eles. Os dados que recolhemos indicam que as raparigas ocupam mais tempo não escolar a preparar as matérias da escola e que são mais atentas e interessadas nas aulas do que os rapazes.

- *Os meus rapazes fizeram a 6ª classe e foram logo trabalhar para as obras. Não ligavam meia à escola. Mal chegavam das aulas punham a pasta a um canto, nunca mais queriam saber dela. As raparigas inclinam-se mais para os estudos, não tem comparação. Elas, as três, mas principalmente a mais velha, não falham a fazer os deveres todos os dias e preocupam-se em ter os cadernos e os livros sempre em ordem (mulher de 37 anos)*
- *Em média, as raparigas são melhores que os rapazes. Estão mais atentas nas aulas, são mais disciplinadas e também se aplicam mais em casa. Eles são mais cabeças no ar (professora do 2º ciclo)*

O facto de as raparigas se sentirem mais identificadas com as regras, os princípios e os procedimentos da escola não poderia deixar de se reflectir nos resultados escolares. Ordenadas as trinta e cinco crianças da nossa amostra, segundo o nível de rendimento escolar, verifica-se que as raparigas têm melhor desempenho, sendo entre elas que se encontram os melhores exemplos de sucesso escolar. Apesar de termos uma amostra de quinze raparigas para vinte rapazes, elas ocupam sozinhas os cinco primeiros lugares. Se considerarmos as primeiras dez crianças continuam à frente as raparigas, numa relação de sete para três. Relativamente aos abandonos e desistências são os rapazes que mais pontuam, dos oito casos registados apenas dois não são protagonizados por eles (ver G. A. Pinto, 1998: 123).

4. Breves Considerações Finais

As raparigas organizam a sua identidade e o seu estatuto tendo por pano de fundo uma enorme flexibilidade, resultante da necessidade de conciliarem tarefas domésticas e tarefas agrícolas, de harmonizarem diferentes funções em espaços também diferenciados. A afirmação social masculina, pelo contrário, desenrola-se dentro de uma certa rigidez, onde domina em absoluto o trabalho produtivo, onde por completo se exclui o trabalho da casa e onde se chega também a excluir a escola.

É sobre os indivíduos do sexo masculino que o quadro ideológico que define o papel de ambos os sexos, relativamente ao trabalho, exerce maior pressão, já que é aos homens que se atribui a responsabilidade de garantir o sustento da família. Circunstância que leva significativo número de rapazes a minimizar o papel da escola e a abandonar precocemente os estudos para ingressar no mercado de trabalho. Desta forma, o esquema normativo que remete as mulheres para uma posição de dependência e submissão em relação ao trabalho dos homens acaba por favorecer as raparigas, na medida em que lhes possibilita tirar maior proveito da passagem pela escola e obter níveis mais elevados de capital escolar.

Sendo que a obtenção de níveis mais elevados de capital escolar abrirá aos elementos do sexo feminino maiores possibilidades objectivas de sair da actividade agrícola, faz sentido pôr a hipótese de se vir a verificar no local que estudámos, a curto-médio prazo, um substancial decréscimo da taxa de feminização na agricultura, contrariando toda a evolução que se registou nos últimos tempos. Hipótese que sai reforçada se atendermos ao aumento da mecanização agrícola. De facto, tudo indica que o progressivo aumento do número de máquinas na agricultura, e a afectação do seu manejo aos homens, tenderá a dispensar os elementos femininos para actividades exteriores, que, neste caso,

terão ainda a seu favor a boa acessibilidade do local à cidade sede de concelho – Vila Real

Os nossos dados permitiram verificar, por outro lado, que a emigração está a tornar-se um rumo mais frequente para as raparigas do que para os rapazes, o que se deve, entre outros motivos, ao facto de as raparigas se adaptarem mais facilmente às necessidades dos familiares e vizinhos emigrados que as levam para os países da Europa onde trabalham, para que elas lhes tomem conta dos filhos ainda pequenos. Ao que apurámos, esta situação tem vindo a tornar-se comum entre raparigas de treze/catorze anos e tem conduzido a que muitas delas acabem mais tarde por se fixar nesses países, regra geral, como empregadas domésticas

No enquadramento que referimos, tem cabimento colocar também a hipótese do aumento do celibato dos homens que permanecerem na actividade agrícola. É que a vida de mulher de agricultor é muito pouco atractiva.

– Da lavoura só se tira pobreza e sujidade, não se tira futuro nenhum. Não é lá que quero o meu futuro [] Quero-me casar com alguém que não seja da lavoura para levar uma vida melhor (rapariga de 13 anos)

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Miguel Vale de (1995) *Senhores de Si*, Lisboa: Fim de Século
- BARTHEZ, Alice (1982) *Famille, Travail et Agriculture*, Paris: Economica
- BERIAN, Martine (1989) «Conocimientos y Trayectorias Sócio-Profissionais de las Agricultoras», *Documents d'Anàlisi Geogràfica*, nº 14, pp. 53-71
- CAIN, Mead (1977) «The Economic Activities of Children in Village» in Bangladesch *Population and Development Review*, volume 3, (3), pp. 201-227
- ITURRA, Raul (1990) *A Construção Social do Insucesso Escolar*, Lisboa: Escher
- MOREIRA, Amélia Frazão (1991) *O Processo de Aprendizagem no Grupo Doméstico* (Provas de Aptidão Pedagógica e Científica), Vila Real: U I A D./D E S

- PAIS, José Machado (1991) 'Emprego Juvenil e Mudança Social: Velhas Teses, Novos Modos de Vida', *Análise Social*, vol XXVI (114), pp 945-987
- CABRAL, João de Pina (1989) *Filhos de Adão, Filhas de Eva*, Lisboa: Publicações Dom Quixote
- PINTO, Graça Alves (1998) *O Trabalho das Crianças De Pequeninino é que se Torce o Pepino (e o Destino)*, Oeiras: Celta Editora
- PINTO, Graça Alves (1998a) 'Trabalhar no Campo é o Nosso Modo de Vida: O Trabalho Infantil no Quadro das Estratégias de Reprodução Sócio-Económica das Famílias Camponesas', *Cadernos de Ciências Sociais*, 18, pp 45-65
- PORTO, Nuno (1991) *O Corpo, A Razão, O Coração*, Lisboa: Escher
- REIS, Filipe (1991) *Educação, Ensino e Crescimento*, Lisboa: Escher
- RIBEIRO, Manuela (1992) *Estratégias de Reprodução Socioeconómica das Unidades Familiares Camponesas, em Regiões de Montanha – Um estudo de Sociologia em que as mulheres também contam* (Tese de Doutoramento), Vila Real: UIAD/DES
- RODRIGO, Isabel (1986) 'Feminização da Agricultura', *Análise Social*, nº 3-4, pp 643-652
- SCOTT, Alison MacEwen (1982) 'Changes in the Structure of Child Labour under Conditions of Dualistic Economic', *Development and Change* (Sage, London and Beverly Hills), vol 13, nº 4, pp 537-550
- WALL, Karin (1986) 'A Divisão Sexual do Trabalho na Agricultura: Elementos para o seu Estudo', *Análise Social*, vol XXII (92-93), pp 661-668
- WALL, Karin (1988) 'Modernization et Dynamique Familiale: Le Cas de la Famille Paysanne Portugaise', in A. C. Gonçalves, et al (Orgs) *La Sociologie et les Nouveaux Défis de la Modernisation*, Porto: Faculdade de Letras pp. 479-484
- WILLIS, Paul (1993) *Learning to Labour*, Hampshire: Ashgate